

Brasil pode mediar crise, diz Lula

Na cúpula do Mercosul, presidente afirmou que bloco não pode ficar alheio ao risco de conflito entre Venezuela e Guiana



Encontro do bloco sul-americano no Rio de Janeiro começou em meio à escalada da disputa no continente

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem que o Mercosul não pode ficar “alheio” à disputa entre a Venezuela e a Guiana pela região do Essequibo. Ao abrir a cúpula do bloco sul-americano no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, Lula colocou o Brasil à disposição para mediar o diálogo.

– Estamos acompanhando com preocupação a situação no Essequibo. O Mercosul não pode ficar alheio – disse Lula, acrescentando que esse tema não deve “contaminar” a agenda da integração regional.

O presidente sugeriu ainda que a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) deve dialogar com os dois lados do conflito e apresentar aos países integrantes do grupo uma proposta de declaração sobre a crise.

– Uma coisa que não queremos aqui na América do Sul é guerra. Não precisamos de guerra, não precisamos de conflito. O que nós precisamos é construir a paz, porque somente com muita paz a gente pode desenvolver os nossos países – disse.

A disputa pelo território na fronteira norte do Brasil escalou nesta semana, quando, após a vitória do governo da Venezuela em um controverso referendo sobre a anexação de Essequibo,

o presidente Nicolás Maduro enviou à Assembleia Nacional um projeto de lei que prevê a criação de uma província venezuelana na região e apresentou um plano de exploração de petróleo para a área de 160 mil quilômetros quadrados. O território equivale a 75% do território da Guiana.

Na quarta-feira, no encontro de autoridades que antecedeu a cúpula do Rio, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, defendeu a importância do bloco para a manutenção da paz no continente.

– Em um mundo conturbado por tantos conflitos, é sempre importante lembrar a contribuição do Mercosul para que a América do Sul constitua hoje a zona de paz mais extensa do mundo – disse o chanceler, que logo depois se reuniu com Lula e com o assessor da Presidência da República para assuntos internacionais, Celso Amorim.

Conselho

Diante da ofensiva de Maduro, o presidente da Guiana, Irfan Ali, pediu ao Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU) uma “reunião urgente”.

O encontro do órgão deve ser realizado a partir das 17h de hoje (horário de Brasília), a portas fechadas.

Quatro pontos do discurso do presidente

1) ACORDO COM UNIÃO EUROPEIA

Lula disse que não desistirá de buscar o acordo entre o Mercosul e a União Europeia (UE).

– Nem tudo acontece como a gente quer e no tempo que a gente quer. Meu lema é não desistir nunca. Não há nada que não seja possível realizar. Isso vale para a tentativa de acordo com UE, que já acontece há 23 anos – afirmou.

O governo brasileiro esperava anunciar a conclusão das negociações durante a cúpula, mas enfrenta resistências de países europeus. Na semana passada, o presidente francês, Emmanuel Macron, se disse contra o acordo. Também ontem, em nota conjunta, os dois blocos afirmaram que estão engajados para concluir as conversas.

2) ACORDO COM SINGAPURA

O presidente também elogiou o acordo de livre comércio entre o Mercosul e Singapura, o primeiro com um país asiático desde 2011, que deve ser o principal resultado da cúpula.

– É estímulo para acreditar que coisas vão continuar dando certo – afirmou.

3) ADESAO DA BOLÍVIA

Lula alegou que o ingresso da Bolívia como membro permanente do Mercosul torna mais próximo “o sonho da integração entre Atlântico e Pacífico”.

Atualmente, a Bolívia é um Estado associado, assim como Chile, Colômbia, Equador, Peru, Guiana e Suriname. A entrada como membro permanente já foi aprovada por todos os integrantes do bloco, faltando apenas o aval do Congresso boliviano. O protocolo de adesão será promulgado durante a cúpula do Rio de Janeiro.

4) TRANSIÇÃO NA ARGENTINA

Lula ainda comentou a sucessão na Argentina, a três dias da posse do ultraliberal Javier Milei na presidência do país vizinho, que será no domingo. O brasileiro afirmou que a despedida do atual mandatário do país vizinho, Alberto Fernández, de quem é amigo pessoal e que participa da cúpula, é “triste”.

– Acho que você (Fernández) merecia melhor sorte, a economia poderia ter melhor sorte, mas aconteceu infortúnio de pandemia e seca, que muita gente foi prejudicada – disse.

EUA fazem manobras em Essequibo

Em meio ao risco de um conflito armado entre Venezuela e Guiana, as forças armadas dos Estados Unidos conduziram ontem exercícios militares com as Forças de Defesa da Guiana na região do Essequibo. Em um comunicado, a embaixada americana em Georgetown alegou se tratar de “operações de rotina” com o objetivo de aprimorar a parceria militar entre os dois países e “fortalecer a cooperação regional”.

“Os EUA seguem comprometidos em ser um parceiro de segurança confiável para a Guiana”, informa o comunicado. Guiana e Estados Unidos têm um acordo de cooperação militar desde 2022.

O presidente da Guiana, Irfan Ali, tem procurado aliados no continente para assegurar que o território seja defendido contra os planos de anexação da Venezuela. Ele defende que o Essequibo pertence à Guiana graças à divisão territorial do acordo de 1899, feita pelo Reino Unido na época em que tinha a Guiana como colônia, e que o assunto deve ser julgado pela Corte Internacional de Justiça (CIJ). Mas caso “o pior cenário” aconteça, disse Ali à emissora americana CBS, o país também tem procurado garantias de “ajuda de aliados”.

Helicóptero

Ontem, o helicóptero do Exército da Guiana que havia desaparecido na quarta-feira perto da fronteira com a Venezuela foi encontrado. A aeronave perdeu contato “a 30 milhas (45 quilômetros) da fronteira” entre os dois países, quando sobrevoava Essequibo. Sete militares de alto escalão estavam a bordo, dos quais cinco morreram.

“A próxima fase da operação envolve a remoção da área, seguida do início das investigações do acidente”, alegaram as Forças Armadas no comunicado em que as mortes foram confirmadas.

As autoridades informaram também que, no momento em que a aeronave perdeu contato, havia “instabilidade climática” e que não há indícios de relação com a crise entre Guiana e Venezuela.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 8